



Mundo do samba vê desfiles como 'grande negócio' e rainhas eleitas por 'relação comercial'

Em Santos, com mudança das regras, todas as escolas têm de inscrever candidatas para a corte carnavalesca.

Por Beatriz Araujo*

02/03/2019 10h25 - Atualizado há 3 semanas



Rosany Oliveira, no concurso Rainha do Carnaval de Santos 2019: "A gente vive um sonho" — Foto: Rosany Oliveira/Arquivo pessoal

Integrantes do 'mundo do samba' em Santos, no litoral de São Paulo, veem como carnaval santista evoluiu nos últimos anos. A disputa, cada vez mais acirrada entre as escolas, deu vez a um comércio que gira em torno da folia.

"O carnaval de hoje é um grande negócio. O giro de profissionais cresceu muito nos últimos anos e as agremiações que não têm a tradição de formar seus próprios profissionais são obrigadas a contratar pessoas", afirma o presidente da Liga das Escolas de Samba de Santos, Benedito de Andrade.



Ele vê até mesmo a escolha das rainhas da corte carnavalesca como uma relação comercial. “As musas, hoje, viraram moeda de troca nas escolas de samba. Algumas agremiações escolhem as que ajudam na compra de instrumentos e na confecção das fantasias”.

Para Rosany Oliveira, 35 anos, que conquistou o título de Rainha do Carnaval de Santos de 2019, isso é benéfico para ambas as partes. “Ganhando o concurso, a escola conquista muito. Alcança mais visibilidade, respeito, credibilidade e status. Tudo muda. Em troca, a gente vive um sonho. Além de ser rainha, considerada a maior honraria do mundo carnavalesco, conseqüentemente, nós conseguimos muitos outros trabalhos”, afirma.

“Antes, o Carnaval era visto como uma forma de diversão. Agora, é bem diferente. Passou a existir uma grande disputa entre as escolas mais tradicionais”, explica Benedito de Andrade. Apesar disso, o presidente da Liga acredita que lidar com a figura da rainha dessa forma não faz com que o desfile perca sua essência.

A diferença no concurso de Rainha do Carnaval de Santos deste ano, em relação às edições passadas, foi que todas as escolas do grupo especial tinham de inscrever uma candidata “para abrilhantar o evento”, segundo Andrade. Nos anos anteriores, isso não era uma obrigação. Com isso, a competição passou a ter uma concorrência maior.

Com essa exigência, de participação compulsória, nem todas as musas possuíam uma relação orgânica com a agremiação que representaram no concurso. O vínculo passou a ser mais profissional. Apesar dessa relação, que se mostra cada vez mais comercial, o que realmente importa para Rosany Oliveira, que desfila há três anos pela Real Mocidade, é a energia transmitida pelas participantes.

“Existem muitas mulheres que buscam entrar na corte apenas por status, para ter uma faixa e uma coroa, mas não fazem jus à oportunidade de melhorar, o mínimo que seja, a vida das pessoas que cruzam seu caminho”.

Luiz Alberto Martins, presidente da União Imperial, escola campeã do desfile de Santos, afirma que há tanto o lado tradicional quanto o comercial, no que diz respeito à competição de Rainha do Carnaval. “Esse ano, por exemplo, nós trouxemos uma rainha de fora, da Mangueira. Ela faz parte da comunidade de lá, mas veio nos representar por um viés mais comercial”.



A Princesa do Carnaval, Marisa dos Santos Batista, vê o apoio das escolas como um “incentivo” — Foto: Marisa dos Santos Batista/Arquivo pessoal

Martins explica que isso aconteceu porque, no momento, a União não tem uma rainha própria para lançar. "Temos uma princesa que ainda é muito nova. Ela tem potencial. No futuro, ela se tornará Rainha do Carnaval pela nossa escola", aposta. Para ele, as duas perspectivas são importantes. "Apesar de, por tradição, termos a obrigação de criar componentes, quando não se tem quem enviar, temos de buscar fora".

Ele admite que há cobrança da comunidade para que as pessoas sejam fieis à escola, mas explica que isso nem sempre é possível, principalmente, no caso das rainhas. "Quando é rainha uma vez, a mulher quer ser novamente. Mas, nem sempre ela consegue representar a mesma escola. Às vezes, não existe a oportunidade, porque não dá para todas serem rainhas ao mesmo tempo, infelizmente". Por essa razão, Luiz Aberto Martins considera 'normal' o fato de as rainhas defenderem o nome de várias escolas com o passar dos anos.

Quanto às questões financeiras, o presidente da União Imperial considera importante cobrir os gastos de suas representantes. "Nós ajudamos no Concurso da Rainha. Damos uma ajuda de custo, porque fica muito caro para as meninas. Elas precisam de vestido, biquíni, sandália. É bastante coisa".

Valores

A socióloga Edna Gobetti considera correta a posição das mulheres nesse contexto. "Há, sim, um valor de uso da imagem e um valor de troca. Quanto mais famosa a musa, maior valor terá".

Para ela, essa exposição corresponde a "um fato social contemporâneo", no âmbito do Carnaval. "Não considero anormal esse desejo da mulher de se ver eleita e exposta a uma plateia. O sentimento de aprovação pelo outro supera qualquer outro tipo de manifestação contrária".

Marisa dos Santos Batista, de 27 anos, Princesa do Carnaval de Santos de 2019, não vê essa relação como uma troca, mas sim como um 'incentivo'. Desde criança no meio carnavalesco, ela iniciou cedo a carreira de concursos. Com 18 anos, ganhou seu primeiro título de Princesa do Carnaval, em Praia Grande. No ano seguinte, levou a faixa de Rainha.

Depois disso, em 2015, Marisa não conseguiu conquistar um posto na Corte de Santos, mas ganhou como Rainha em Cubatão. Também foi convidada para ser princesa da bateria da Sangue Jovem, e seguiu nessa posição por mais de um ano. Agora, é a Princesa da Cidade de Santos.

"Eu não ia participar de nada até então, mas continuava treinando e me preparando por gostar. A Mocidade me chamou no final do ano e me deu todo o apoio possível para a competição. Me ajudaram com a fantasia e o vestido", conta.



Para Eliana Lousada, competição significa muitos gastos para as candidatas — Foto: Eliana Lousada/Arquivo pessoal

Despesas

Esse incentivo não alcança todas. É o caso de Eliana Lousada dos Santos, 47 anos. Ela lembra da primeira participação no concurso de Rainha do Carnaval, em Cubatão. “O presidente da época deu mais apoio para a outra concorrente do que para mim. E, nós duas estávamos representando a mesma escola. Ele pagou biquíni e sandália para ela e, para mim não pagou nada. Eu só soube depois e, como já havia conseguido o título de Rainha, isso deu mais sabor à minha vitória”, diz.

Eliana diz que concorrer à corte gera muitos gastos. “Um biquíni de samba custa caríssimo, e eu tive de correr atrás. Fui pra São Paulo, peguei ônibus, metrô, trem e uma van pra chegar ao local que iria alugar o biquíni e paguei do meu próprio bolso. Nós buscamos fazer o melhor, mas dentro das nossas condições. A gente sempre quer mais, mas é muito caro”. Eliana conta que, hoje, um biquíni bom para concurso custa entre R\$ 1.500 e R\$ 2 mil.

“Quem participa desses concursos (de Rainha do Carnaval) tem como motivação sonhos, desejos e, até mesmo, vaidade. Ao menos aqui, na Baixada Santista, a coroa não funciona como forma de ascensão profissional. Até porque as competidoras costumam investir 99% do próprio bolso. As escolas têm pouca participação nos custos”, alega Joice Mendes dos Santos, 31 anos, que levou o título de Rainha em Santos em 2010 e 2012.

Sempre representando a escola de samba Vila Mathias, ela explica que construiu uma história como Rainha na escola e que, com o tempo, também passou a fazer parte da comunidade. Apesar disso, Joice reconhece que existem muitos casos onde a relação se dá de forma comercial.

“Na maioria das vezes, as rainhas deixaram de ser crias das escolas. A menina é bonita, faz um trabalho legal, se torna conhecida, participa do concurso, e a escola ganha visibilidade. Isso é um fato”.

**Sob supervisão de Alexandre Lopes.*